

## A CULTURA DE *FANSUBS* SOB O OLHAR DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

HANS, William Franklin  
PGET - UFSC

**Resumo:** *Fansubbing* é um fenômeno global e cultural recente, que surgiu concomitantemente com a proliferação da internet e de filmes no mercado negro, vídeos virais, e séries de TV. Tais traduções informais se encontram fora dos círculos oficiais, e geralmente representam o trabalho de tradutores autodidatas que tentam cobrir as brechas presentes no consumo cultural em tempo real. É importante que essa forma imensamente popular de interpretação translingual e transcultural seja examinada sob a luz dos Estudos da Tradução, tanto para ver do que a teoria acadêmica poderia utilizar (para se beneficiar), quanto para verificar como a percepção da prática atual pode manter a teoria informada. Para este fim, amostras de versões brasileiras de *fansubs* do vídeo viral *David after Dentist* foram selecionadas, transcritas, e comparadas lado a lado. Problemas referentes ao público-alvo (ou seja, nível da linguagem), o acesso a aspectos culturais inseridos nas nuances da língua inglesa, e a falta de “apropriação” da tradução, isto é, rígida fidelidade literal ao original, misturaram-se com ocorrências de soluções tradutórias inteligentes e perspicazes.

**Palavras-chave:** *Fansubbing*, Estudos da Tradução, Vídeo viral, Consumo cultural.

### Introdução

Casanova (1999) abre seu estudo *La République mondiale des Lettres* se referindo à ideia de Valéry de que, entre as ações competindo no “grande mercado do comércio humano”, tais como *ouro* e *trigo*, há também uma mercadoria chamada de “espírito”, na qual as pessoas investem ou da qual se despojam. Conforme afirma Valéry, uma civilização em si é um tipo de capital, cuja riqueza consiste em camadas sucessivas desta mercadoria e, interessantemente, “acumula juros compostos” com o decorrer do tempo, presumidamente devido ao tráfico com outras civilizações.

A ideia de uma mercadoria cultural “extra-material” foi mais tarde desenvolvida pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1973, 1986, 1990) sob o agora bastante difundido termo *capital cultural*, que inclui em sua formulação, além das formas objetivadas e institucionalizadas, componentes de prática linguística e social que podem ser herdados ou adquiridos, e que são altamente determinantes para o sucesso ou o fracasso social (ou seja, ausência de equidade).

O apelo da inclusão social é uma força incrivelmente poderosa, aplicada visando efeitos óbvios por publicitários e profissionais de marketing, e parece estar assumindo proporções internacionais exponenciais conforme as culturas do mundo são aglutinadas, pelo menos até certo ponto, por forças geopolíticas e econômicas. Isto não fica mais óbvio em nenhum outro lugar do que no Brasil, onde a aquisição das desejadas Olimpíadas e Copa do Mundo são um investimento tanto na identidade nacional quanto na economia, e tem levado à “reorganização” social em uma escala nunca sonhada.

Da mesma forma, numa escala individual, o impulso para participar de forma bem-sucedida das redes sociais virtuais tem acompanhado o avanço da tecnologia da informação, e certamente parece ser afetado por, se não ligado a, competência no uso de referências intertextuais inerentes a tais diálogos. Eu me refiro aqui à transmissão de

memes, que é uma metáfora cunhada pelo biólogo Richard Dawkins para descrever a transcrição de “unidades” culturais na sociedade de maneira análoga à transmissão de material genético na biosfera<sup>1</sup>. Neste esquema, o transmissor (ou conhecedor) detém a supremacia em uma relação de poder com o receptor (ou aprendiz), resultando num tipo de esquema piramidal que serve, ao menos, para galvanizar a rede ou o caminho neural global em si.

Esta metáfora deve ser a raiz etimológica do fenômeno do *vídeo viral*, que se iniciou no final da década de 1990, e está assumindo posição proeminente juntamente com outros mecanismos culturais como música popular, best-sellers, séries de TV, animês, quadrinhos e cinema como um árbitro, não tanto do mundo literário esboçado por Casanova, mas de algo ligado ao homogeneizado *McWorld* de Benjamin Barber, conforme debatido por Snell-Hornby (2006, p. 128-9).

Neste espaço no qual valores literários estão se tornando mais e mais marginalizados, também fica aparente que aqueles que realizam o trabalho de tradução deixam de ser profissionais treinados, que são relegados a nichos técnicos, legais e literários, e passam a ser os (discutivelmente) fãs sem treinamento. Estes fãs trabalham voluntariamente, sem mencionar frequentemente ilegalmente, devido a um envolvimento comprometido com o assunto em questão, para atender a uma urgente demanda e uma falta ou de interesse ou de mão-de-obra das “fontes oficiais” em traduzir tais materiais em tempo hábil, ou em traduzi-los de modo geral.<sup>2</sup>

Apesar de um número substancial de redes de traduções de fãs serem ligadas ao enorme mercado de mangás (O’HAGAN, 2008), grande parte da atividade tradutória de fãs lida com a legendagem de filmes e séries de TV ou para o mercado negro ou para distribuição gratuita na internet. No entanto, a tradução de vídeos virais não apresenta nenhum prospecto comercial para o tradutor, nem restrições legais, e pode ser vista como um puro exercício no livre fluxo do capital cultural.

Tendo em mente este background, eu selecionei um vídeo viral representativo com duração, sofisticação e diálogos suficientes, e popularidade (ou seja, atualidade) para testar se os fãs tradutores falantes de português estavam transmitindo adequada e precisamente transmitindo o conteúdo ideacional e dialógico, bem como para explorar até que ponto ele utilizaram intuitivamente princípios de LSF (linguística sistêmico-funcional) e teoria da tradução em sua prática.

## Métodos

O vídeo escolhido para este estudo foi *David After Dentist*. Ele consiste em um diálogo não-ficcional de dois minutos que se passa entre um pai (David DeVore) e seu filho de sete anos (David, Jr.) depois de o filho ter passado pela extração de um dente, estando ainda sob os efeitos da anestesia. O tema de um menino inocente sob a influência de psicotrópicos (obviamente pela primeira vez) que não consegue compreender o que está acontecendo ou a natureza temporária dos efeitos da droga se tornou um sucesso instantâneo quando postado no site YouTube em 31 de janeiro de 2009, e acumulou três milhões de exibições em seus primeiros três dias no ar. A sua pergunta “*Is this real life?*” agora está se aproximando do status de ícone cultural, e até dezembro de 2010 o vídeo havia sido assistido mais de 75 milhões de vezes. Este vídeo

---

<sup>1</sup> Este conceito foi explorado com referência à tradução por Andrew Chesterman em seu livro *Memes of Translation* (1997)

<sup>2</sup> A estudiosa da área de tradução Christiane Stallaert, demonstrou, numa entrevista recente, seu choque diante da falta de interesse de grandes editoras europeias em encomendar obras traduzidas ou ceder o direito para que as traduzam, mesmo quando são potencialmente viáveis comercialmente.

inspirou diversas paródias, foi citado na *Top10 Everything List* de 2009 da revista *Time*, no CNN.com, foi mencionado em vários programas de TV nacionais, apareceu em um comercial do Super Bowl, e levou os DeVores a aparecerem em vários programas de entrevistas, uma palestra na Massachusetts Institute of Technology e fez que David sênior abandonasse seu trabalho para administrar sua companhia [www.davidafterdentist.com](http://www.davidafterdentist.com). Mercadorias ‘D.A.D.’, de acordo com o site oficial, foram enviadas para mais de 20 países, e já foram feitas entrevistas com repórteres de países como Brasil, Espanha, Alemanha, e Austrália (HOROWITZ, 2009).

Para que o leitor possa ter uma idéia da magnitude da presença deste vídeo na internet, se exibições fossem ingressos de cinema, o vídeo seria o número 26 dos filmes mais vistos nos Estados Unidos em todos os tempos, logo atrás de *Grease*.<sup>3</sup> A seguir são apresentadas tabelas especificando o impacto deste vídeo.

Tabela 1. Comparação de resultados de busca no Google.com em 11 de dezembro de 2010.

<i>item pesquisado</i>	<i>resultados na web</i>
"david after dentist"	1.640.000
"translation studies"	472.000
"M.A.K. Halliday"	151.000
"systemic functional linguistics"	47.100
"fan translation"	1.340.000

Fonte : [www.google.com](http://www.google.com)

Tabela 2. O alcance internacional de *David After Dentist*: resultados do Google.com. Resultados válidos incluem vídeos postados com “david after dentist” mais a tradução da palavra-chave para “legendado” no título do vídeo, ou legendas aparentes na tela.

<i>item pesquisado</i>	<i>resultados na web</i>
“david after dentist”+ “legendado”	34
“david after dentist”+ “subtitulado” or “en espanol”	12
“david after dentist” + “french” or “French subtitle” or “sous-titré”	7
"david after dentist" + "italiano" or "sottotitoli"	7
"david after dentist" + "untertitel"	2
"david after dentist" + "subtitles"	2 árabes 1 chinês 1 russo

<sup>3</sup> Outro vídeo viral, *Charlie bit my finger- again!*, com mais de 257 milhões de exibições, se considerado da mesma maneira deixaria *E o Vento Levou* muito atrás e reinaria como o campeão de bilheterias em todo o mundo [http://boxofficemojo.com/alltime/adjusted.htm?adjust\\_yr=1&p=.htm](http://boxofficemojo.com/alltime/adjusted.htm?adjust_yr=1&p=.htm)

O procedimento experimental se deu da seguinte maneira: eu selecionei três vídeos postados com legendas completas em português e números de exibições relativamente altos, que serão chamados de Tradução de Fã (TF) 1, 2, e 3, respectivamente. Os fãs tradutores não foram contatados, e continuarão anônimos, apesar de o endereço na internet para cada vídeo ser citado nas referências. Em 11 de dezembro de 2010, a TF1 havia sido vista 969.753 vezes, a TF2 439.269 vezes, e a TF3 1.344.110 vezes. O áudio em inglês do vídeo fonte bem como o texto das legendas de cada um dos três vídeos foram precisamente transcritos pelo autor do presente estudo, um falante nativo de inglês americano. Estes quatro textos podem ser encontrados em formato comparativo na Tabela 3, abaixo, que usada para ajudar a estruturar os resultados.

## Resultados

Tabela 3. Uma comparação das três traduções de fãs com a tradução de uma tradutora profissional.

D = David falando; M = Pai de David falando; - - - = omitido

Transcrição do inglês	Versão de Fã 1	Versão de Fã 2	Versão de Fã 3
1. M: Yeah, I know. How did it go?	M: É eu sei, como foi?	M: Sim eu sei. Como foi?	M: Sim, ei sei e o que aconteceu?
2. D: I didn't feel anything.	D: Eu não senti nada.	D: Eu não estou sentido nada.	D: Eu não senti nada...
3. M: Yeah...	M: É?	M: ehh?	- - -
4. D: Uhhh... I feel funny.	D: Ããããã... eu me sinto engraçado.	D: Aff .. Eu me senti estranho.	D: Eu me sinto engraçado.
5. M: Kinda felt good didn't it?	M: É bom não é?	M: Esta muito bem, não?	M: Mas isto te fez sentir bem né?
6. D: Uhh.. I-Is this real life?	D: Ããããã D: Isso é a vida real?	D: Aff.. D: Uhh .. é esta a vida real?	D: Isso é a vida real?
7. M: Yeah, this is real life.	M: Sim, isso é vida real.	M: Sim esta é a vida real	- - -
8. D: OK, now... OK, now I... I've two fingers	D: OK, agora...	D: OK, agora ... D: OK, agora ...	D: Então, agora... D: Então, agora eu...
9.	D: OK, agora eu tenho 2 dedos	D: ... Eu tenho dois dedos!	D: eu tenho dois dedos
10. M: Good!	M: Que bom!!	M: Bem!	M: Que bom!
11. D: Uh, four fingers.	D: 4 dedos!	D: Ou quarto dedos?	D: Quatro dedos...
12. M: Four fingers?	M: 4 dedos?	M: quarto dedos?	M: Quatro dedos?
13. M: Nah-uh-uh-uh!	M: Na-a-a-h não coloque em sua boca, ok?	M: Eh, eh, eh, eh	M: Não! não ponha o dedo na sua boca.
14. Don't put that in-		M: Não coloque, não coloque	M: ok?

15. Don't put it in your... mouth...K?		o dedo na boca M: Ok?	
16. M: You feel good?	M: Você se sente bem?	M: Você está bem?	M: Você se sente bem?
17. D: I can't see anything.	D: Eu não consigo ver nada.	D: Não posso ver nada!	D: Eu não consigo ver nada...
18. M: Yes, you can.	M: Sim, você consegue.	M: Você pode	M: Pode sim
19. M: Stay in your seat.	M: Fique sentado.	M: Fique no seu lugar	M: Fica sentado.
20. D: (roars) Uaaaaah!	D: UUUUAAAAAAA AAAAH!	- - -	D: ? [replay]
21. D: I don't feel tired.	D: Eu não me sinto cansado.	D: Eu não estou cansado.	D: Eu não estou cansado.
22. M: You don't?	M: Não?	M: Não?	M: Não?
23. D: Uh-unh	D: Ãhn-a	- - -	- - -
24. M: No?	M: Não?	M: Não?	M: Não?
25. D: Do I have stitches?	D: Eu tenho pontos?	D: Tenho pegado pontos?	D: Eu tomei pontos?
26. M: Uh-huh.	M: Aham.	M: Ok	M: Aham.
27. D: D-do I have stitches? (or Dad, do I...)	D: Eu tenho pontos?	D: Me ... Tenho pegado pontos?	D: Pai, eu tomei algum ponto?
28. M: Yes!	M: Sim	M: Sim	M: Sim!
29. D: On my teeth?	D: No meus dente?	D: Nos dentes?	D: Nos meus dentes?
30. M: Yeah. Don't touch it! Don't!	M: Sim, não toque nele. Não!	M: Sim. Não toque! M: Não	M: Sim! Não mexa neles.
31. D: Why can't I touch it?	D: Por que eu não posso tocar?	D: Porque não posso tocar?	D: Por que eu não posso mexer neles?
32. M: Because it'll...mess up the stitches.	M: Porque vai bagunçar os pontos.	M: Porque você tá com pontos.	M: Porque você vai estragar os pontos.
33. D: You have four eyes.	D: Você tem 4 olhos.	D: Você tem quarto olhos!	D: Você tem quarto olhos...
34. M: Yeah	M: É?	M: Sim!	M: Isso!
35. D: I feel funny.	D: Eu me sinto engraçado.	D: Me ... Sinto-me estranho!	D: Eu... eu me sinto engraçado...
36. D: Why is this happening to me?	D: Por que está acontecendo isso comigo?	D: Porque isto acontece comigo?	D: Por que isso está acontecendo comigo?
37. M: It's OK, bud.	M: Está tudo bem cara,	M: Não pasa nada compilação,	M: Tá tudo certo. É o efeito do remedio.
38. It's just from the medicine...OK?	M: isso é por causa do remedio, ok?	M: é o único remédio Ok?	M: Ok?
39. D: Is this gonna be forever?	D: Isso vai ser pra sempre?	D: Será que isto vai ser para sempre?	D: Eu vou ficar assim pra sempre?

40. M: No..o! (chuckling) No, it won't be forever.	M: Nohohoow.	M: Não	M: Não... hehe não sera pra sempre.
41.	M: Não, não vai ser pra sempre.	M: Não, isso não sera para sempre	
42. D: Ohhrrh!	D: Aaargh!	- - -	- - - [replay]
43. M: (big chuckles) huhhuhhuhuh	M: Hahahahaa...	M: kkkk	- - -

A transcrição do vídeo resultou em um total de 146 palavras. Vinte e seis áreas problemáticas ou pontos de discussão foram identificados e agrupados em uma ou mais dentre as três categorias gerais a seguir: Interjeições, Conflito inter-sistema e Registro. Estas três categorias englobaram 94% dos problemas. Duas outras categorias foram criadas para descrever problemas únicos: tradução por I.A. e Conflito intra-sistema. Uma descrição breve das categorias e de seu conteúdo é apresentada a seguir.

#### *Interjeições*

Como é de se esperar numa conversa com um menino de sete anos sob efeito de drogas, muitas interjeições foram usadas. Estas representaram um problema especial para os tradutores, já que são elementos emotivos sub ou extra-discursivos, e seu conteúdo ideacional é contra-intuitivamente não-universal. Nove instâncias problemáticas foram observadas, as quais resultaram em 25% do total de problemas. Elementos puramente emotivos incluíram gemidos de frustração e até um rugido de David. O discurso do pai incluiu híbridos de palavras e interjeições como “*Na-uh-uh-uh!*” (derivado de *No!*), para as quais a subcategoria *pseudo-interjeições* foi criada. Dois outros exemplos incluíram o par “uh-huh”(para *yes*)/”uh-uh”(para *no*), além de “*yeah*”, cujas possibilidades de significado são bizantinas.

#### *Conflito inter-sistema*

Esta categoria incluiu todos os outros pontos além de interjeições (41% do total) nos quais os sistemas linguísticos português e inglês são incongruentes, tanto semanticamente quanto sintaticamente: gírias, expressões idiomáticas, *phrasal verbs*, o uso de certos verbos, palavras com múltiplos significados (“I feel *funny*”), uso de artigo e expressão objetiva *versus* subjetiva, etc. A fala climática de David “*Is this gonna be forever?*” coube perfeitamente nesta lacuna.

#### *Registro*

A última categoria geral (28% do total) lidou com mudanças que foram feitas ou que deveriam ter sido feitas para se conformar ao nível informal na linguagem do público alvo, especialmente quando uma tradução literal era possível, mas inadequada. Isto incluiu, entre outras coisas, a tradução de ordens como “*Stay in your seat*” e “*Don't touch it!*”, perguntas como “*Why is this happening to me?*”, e escolhas lexicais como *isso* versus *isto*, bem como a abordagem do termo *buddy*.

#### *Outras categorias*

Os dois problemas únicos foram um *conflito intra-sistema* em que a expressão “tomei pontos” poderia ser uma ocorrência de português europeu, o que não significaria nem um confronto entre sistemas nem um problema com o registro, mas indicaria uma questão dialetal do português. Outra fala (Tabela 3, TF2:37-8) fez tão pouco sentido que parece ter sido gerada por um computador (inteligência artificial).

## Comentários gerais

Apesar de uma discussão detalhada dos resultados não ser possível dentro do escopo deste artigo, a Tabela 4, apresentada abaixo, serve como um mapa dos problemas apontados em ordem cronológica.

Tabela 4: Detalhamento cronológico de áreas problemáticas.  
 “Linha da transcrição” se refere à Tabela 3.

linha da transcrição	problema de referência	Categoria
2	“Aff!”	Interjeição
4	“I feel funny.”	confronto entre sistemas
5	“Kinda felt good...?”	confronto entre sistemas
6-7	“Is this real life?”	confronto entre sistemas
10	“Good!”	confronto entre sistemas
13	“Na-uh-uh-uh!”	Interjeição
14-16	“...put it in your mouth”	confronto entre sistemas
17	“You feel good?”	confronto entre sistemas
19	“Stay in your seat!”	Registro
20	roar	Interjeição
21	“feel tired”	confronto entre sistemas
23/26	“uh-huh”/ “uh uh”	Interjeição
25	“have stitches”	intra-sistema, registro, confronto entre sistemas
29	“...on my teeth”	Registro
30	“Don’t touch it!”	Registro
32	“mess up”	confronto entre sistemas
33	“4 eyes”	Registro
34	“Yeah!”	Interjeição
36	“acontecendo isso”	confronto entre sistemas, registro
37	“não passa de um...”	tradução de I A.
37-8	“bud” vs “cara”	confronto entre sistemas, registro
39	“Is this...forever?”	confronto entre sistemas, registro
39	“Eu vou ficar assim?”	confronto entre sistemas
40	“Nohohoh”	interjeição, registro
42	“Oh!” vs “Arrgh!”	Interjeição
43	“kkkk” vs “hahaha”	Interjeição

## Discussão

Este vídeo representa o tipo de discurso autêntico que, para autores como Ridd (2005: 8), é necessário para uso em exercícios significativos de tradução em sala de aula, e desta forma inclui muitos elementos linguísticos “incomuns” em livros convencionais, que interessam tanto a estudiosos da área de tradução quanto a professores de inglês.

## **Avaliando a tradução**

Vale reiterar que nosso interesse aqui está especialmente no conteúdo transmitido: a ideia é ver até que ponto o desempenho dos autores facilitou a “expansão máxima” do conteúdo conforme colocado por Costa (In: Coulthard, 1992), ou se o suprimiu. A questão básica colocada por Halliday (2001) na busca por uma “boa” tradução é, antes de tudo, se o texto é ou não é realmente uma tradução. Se o pré-requisito de igualdade ideacional é atendido, a questão passa a ser “até que ponto estão na tradução” (1964, p.164). Assim, a efetividade do texto “para seu próprio propósito” (1994:p. xv), de acordo com a análise linguística, torna-se a chave para seu sucesso relativo.

Ademais, a legendagem apresenta um conjunto de problemas especiais para o tradutor, devido à sua natureza de ser análoga à uma narrativa visual, além das limitações impostas por espaço e vocabulário acessível (GOROVITZ, 2006; SMITH, 1998). Gorovitz, na verdade, e não sem justificativa, chega a chamar as legendas de “texto deficiente” (2006, p.64).

### *Percepção de LSF*

Um estudo piloto empírico moderadamente similar ao presente estudo foi desenvolvido por O’Hagan, no qual o trabalho do japonês para o inglês realizado por um fã tradutor em um mangá premiado foi comparado ao trabalho de um tradutor profissional, e incluiu coleta de dados posterior via entrevistas e um questionário. O objetivo era determinar “quais habilidades obtidas por um tradutor amador através da prática de traduções como fã poderiam ser inferidas” (2008, p. 166). Apesar de ser difícil discutir com a afirmação de Cook de que “muita tradução excelente é feita por pessoas que não têm conhecimento do que a linguística tem a oferecer” (1992), e com a observação de O’Hagan de que a tradução dos fãs “não era uma atividade amadora sem noção” (1992, p.177), a produção de fãs tradutores analisada no estudo dela foi, ainda assim, atrapalhada pela falta de pesquisa e percepção de fatores de registro da língua-alvo.

Este mesmo princípio ficou evidente no presente estudo. Os fãs tradutores brasileiros, devido à super-literalidade (ou seja, indisposição para interpretar ou domesticar) desconsideraram *tenor*, o que levou a uma troca artificialmente formal entre pai e filho e, conseqüentemente, suprimiu - em vez de transmitir - o efeito cômico geral. Elementos do inglês entendidos por reflexo pelo falante nativo de sete anos de idade, como a natureza dupla do termo *funny*, também faltaram em diversos casos. No entanto, houve dois pontos especialmente satisfatórios: o uso da interjeição *aff!* E uma inversão da ordem de palavras [Tabela 3 - TF1: linha 36] para atingir um efeito mais informal. Além disso, a transcrição de “hahaha” como “kkkk” ilustrou perfeitamente a interjeição para os internautas brasileiros, o que mostra a percepção de um “grupo de afinidade” alvo (GOROVITZ, 2006).

O tamanho pequeno da amostra deste estudo foi de certa forma um fator limitador, assim como a seleção de somente um vídeo de curta duração como fonte para a análise.

## **Considerações finais**

Os resultados demonstraram que a tradução de vídeos virais feita por fãs, embora representando um enorme público potencial, é dificultada por não se compreender que “a situação antecede o discurso que se relaciona com ela” (HALLIDAY & HASAN, 1985, p.5). Mesmo num processo criativo realizado de forma



independente e sem fins lucrativos, normas de fidelidade literal parecem dominar sobre o sentido intuitivo e humor proporcionado pelo contexto do vídeo nas traduções analisadas. Atenção redobrada ao registro também ajudaria quaisquer tradutores profissionais envolvidos em tais projetos a serem bem-sucedidos ao lidar com “a dupla tarefa de encontrar correspondências entre línguas e registros” (GOROVITZ, 2006, p. 65).

## REFERÊNCIAS

David After Dentist. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=txqjwrbyGrs&feature=channel>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

Tradução de Fã 1. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=7w9sQDAq3JY&feature=related>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

Tradução de Fã 2. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=iosvzi3Lp1Q>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

Tradução de Fã 3. Disponível em: <

<http://www.youtube.com/watch?v=5Vm0mxNkl7M>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

CASANOVA, P.. **A República Mundial das Letras**. Tradução de M. Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

COOK, G. Linguistic Approaches. In: Baker, M. (ed.) **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. New York & London: Routledge, 1992.

COSTA, W.C. The translated text as re-textualization. In: COULTHARD, R.M. (ed.), **Ilha do Desterro**. Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 9-23, 1992.

DeVORE, D. (2009-). Disponível em: < [www.davidafterdentist.com](http://www.davidafterdentist.com)>. Acesso em: 11 dez. 2010.

GOROVITZ, S. **Os Labirintos da Tradução: a Legendagem no Cinema e a Construção do Imaginário**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

HALLIDAY, M.A.K., McINTOSH, A. & STREVENS, P.H. (eds.) **The Linguistic Science and Language Teaching**. London & New York: Longman, 1964.

HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. **Language, Context, and Text: Aspects of Language in a Social-Semiotic perspective**. Oxford: University Press, 1985.

HALLIDAY, M.A.K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Arnold, 1994.

HALLIDAY M.A.K.. Towards a theory of good translation. In: STEINER, E. **Exploring Translation and multilingual Text Production: Beyond Content**. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2001.

HOROWITZ, E. **Family cashing in on David After Dentist**. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2010/TECH/03/18/david.after.dentist.video/index.html?iref=allsearch>>. Acesso em: 18 mar. 2010.

O'HAGAN, M. Fan translation networks: an accidental translator training environment?. In: KEARNS, J. **Translator and Interpreter Training: Issues, Methods and Debates**. London: Continuum, 2008.

RIDD, M. D. Tradução, consciência crítica da linguagem e relações de poder no ensino de línguas estrangeiras. In: **Atas do VII Encontro Nacional de Interação em Linguagem verbal e não verbal**. Brasília: Universidade de Brasília, 2005.

SMITH, S. The language of subtitling. In: GAMBIER, Y. (ed.) **Translating for the Media**. Turku: Painosalama Ou, 1998.

SNELL-HORNBY M. **The Turns of Translation Studies: New Paradigms or Shifting Viewpoints?** Amsterdam & Philadelphia: Benjamins, 2006.

STALLAERT, C. Entrevista gravada em 7 dez. 2010 durante sessão especial da disciplina "Leituras Dirigidas em Tradução", curso ministrado pelo Prof. Dr. Sergio Romanelli na Universidade Federal de Santa Catarina.